

PROPÉRCIO RECIDIVO*
RECIDIVOUS PROPERTIUS

*Paulo Martins*¹

À Tatiana Stolf

RESUMO: Observando uma questão essencial à poética properciana, a saber, a constituição de personas poéticas no interior de suas coleções, o presente trabalho ocupa-se, a partir de exercícios de tradução, de verificar como no primeiro livro de elegias de Propércio – o *Monobiblos* – o poeta elegíaco opera seus interlocutores poéticos – *tu* e *uos* – a fim de delimitar não só a recepção poética apta ou decorosa como também a fim de operar um diálogo intergenérico nas elegias em favor do próprio gênero elegíaco romano, contaminando sua forma e conteúdo, sua *res* e *uerba*, com espécies e gêneros poéticos diversos ao da elegia romana, ainda que confins a ela, isso afora ser o mesmo mecanismo de construção poética capaz de estabelecer conexões entre o fazer poético fundado na *fictio* e na vida cotidiana romana.

PALAVRAS-CHAVE: Propércio; Monobiblos; interlocutores poéticos; personas poéticas; elegia erótica romana.

ABSTRACT: This work offers a translation and analysis of Propertius' first book (*Monobiblos*), considering the treatment given to the poet's interlocutors (*tu* and *uos*), which works to determine its reception. This mechanism of poetic construction operates an intergeneric play within the elegies, contaminating their matter and form, *res* and *verba*, with other poetic genres, and also establishes connections between poetic composition based on both Roman everyday life and fiction.

KEYWORDS: Propertius; Monobiblos; poetic interlocutors; poetic characters; Roman erotic elegy.

* Este trabalho dialoga com o recente artigo meu publicado: “Propércio Redivivo” (2016) e apresenta resultados parciais da pesquisa realizada na Yale University com amparo da FAPESP e foi apresentado no XXI Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos em 2017.

¹ Professor Livre-Docente de Língua e Literatura Latina da Universidade de São Paulo, Pesquisador Pq do CNPq, Visiting Professor no King's College London e Visiting Fellow na Yale University.

Uma questão

Uma das principais características da poética properciana, entendendo suas coleções como narrativas disjuntivas,² isto é, destituídas de uma uniformidade linear e ortodoxa, é a constituição ou construção de personagens poéticas que ora atuam como interlocutores – *tu* e *uos* – do *ego Propertius*, que se situa nessa narrativa como amante e poeta, ora funcionam como explicitadores – *ille, illa, illud* –, em terceira pessoa, de um tema, de uma condição, de um aspecto ou de uma pessoa, expressos pelo mesmo sujeito da enunciação poética como enunciado sobre o qual recaem elementos “provocados poeticamente” pelo mesmo *ego* que fala no poema. Seja como for, tanto os elementos em segunda como os em terceira pessoa, estão sujeitos, enunciados que são, aos matizes impostos pelo enunciador, muita vez, em Propércio assumido por um *ego* auto-referencial.

O *Monobiblos* de Propércio, o 1º livro de sua coleção de 5 ou 4 livros, como outros preferem,³ é conhecido tradicionalmente como o livro *Cynthia*, como nos foi apresentado por certa tradição manuscrita.⁴ Tal condição, isto é, a de Cíntia como tema, elevou essa personagem a uma tripartida possibilidade intelectual, ou seja, Cíntia é a amante do *ego* elegíaco, é o próprio livro de elegia e é, alfim e ao cabo, o tema principal das elegias. Contudo, mesmo que apenas o 1º livro receba o título de *Cynthia*, Cíntia polissêmica e tematicamente vaza esse livro, acomodando-se nessa estrutura narrativa singular de forma diversa. Explico. A amada casta e perfeita se rarefaz, volátil que é, transforma-se em uma prostituta sobre a qual o *ego* elegíaco move vitupérios dignos dos iambos mais iracundos. Seu ἥθος, portanto, temporalmente se metamorfoseia, amplifica-se. Passa de amada à *meretrix*,⁵ não sem antes ter sido comparada à Helena de Troia,⁶ movimento que eticamente a transporta do âmbito da virtude ao do vício. Porém, Cíntia também é a própria poesia e a mesma metamorfose que temporalmente sob o ponto de vista ético, a torna reprovável, sob a perspectiva poética, a torna digna de louvor, afinal a “popularidade de Cíntia” torna o Livro *Cynthia* mais lido e famoso, alcança a fama, pela qual o alça à glória e passa a ser tema poético. Digamos. Está na boca de Roma. *Hoc uerum est, tota te fieri, Cynthia, Roma/ et non ignota uiuere nequitia?*⁷ Nesse duplo movimento, Cíntia como tema passa ser afeita a comentários e a provocações do *ego Propertius* e de seus interlocutores, que ao longo do 1º livro, o *Monobiblos*, formam o derredor de Cíntia, que irá se expandir e se modificar paulatinamente nos livros 2A, 2B e

² Parece-me que tanto o termo “joined” como “disjunctive” em inglês dão conta dessa narrativa não ortodoxa a que se refere Benediktson (1989, 7-8).

³ Martins (2017a, 175-92)

⁴ Mart. 14.189: “Cynthia – facundi carmen iuvenale Properti –/Accepit famam, non minus ipsa dedit.” – Cíntia, canto jovial do hábil Propércio – / Tomou a fama, não menos ela deu.

⁵ Prop. 2.6.1-6.

⁶ Prop. 2.3.32. Ver Martins (2017b).

⁷ Prop. 2.5.1-2.

3. Esse movimento dialético parece ser pedra-de-toque entre os elegíacos romanos, antecédidos, naturalmente, por Catulo. Lembro que esse mesmo mecanismo é operado pelo veronense nas *nugae* e nos epigramas. Cíntia ocupa o mesmo lugar paradigmático de Lésbia, o que em certa medida torna esse tipo de expediente uma prática compositiva na poesia erótica.

A questão de Cíntia tema já foi largamente discutida por mim⁸, não sem antes ter sido amplamente avaliada por inúmeros estudiosos, entre os quais Maria Wyke⁹, Paolo Fedeli¹⁰ e Ellen Greene¹¹ se destacam. Neste artigo, proponho-me ler uma nova questão atinente a ela, *Cynthia*, o livro, em outros níveis de expressão: os interlocutores do eu-elegíaco no 1º livro, apresentados como moduladores da personagem central, do(s) livro(s) e do tema erótico, típico – mas não exclusivo – das elegias romanas.

Porém, nunca é suficiente alertar que, mesmo que a tese biográfica seja assumida e Cíntia seja uma referência historicamente referendada – Hóstia é apontada como referente possível desde a Antiguidade,¹² ainda assim, sob a perspectiva poética, ela continuará sempre a depender das matizações do constructo poético, isto é, a indicação de nomes históricos verificáveis pragmaticamente não garante que sejam imunes a mecanismos e processos compositivos inerentes ao gênero poético e à construção retórica, de sorte que tanto as personagens Cíntia, Pôntico, ou Basso quanto Galo, Tulo, Mecenas,¹³ César (Augusto),¹⁴ ou mesmo, Propércio¹⁵ estão sujeitas, *personas* que são, poeticamente às leis do gênero em que estão inseridas. Assim, não discuto se fulano existiu ou não, entretanto preocupa-me se sua natureza supostamente fictícia ou real contribui para a produção de efeitos poéticos. Nesse sentido, vale pensar: em que medida estão distantes nomes referendados historicamente daqueles que são operados apenas poeticamente como ficção explícita, ou como um pseudônimo? No caso dos interlocutores propercianos no 1º livro, é importante dizer que, se não desaparecem, ficam absolutamente estritos e reduzidos a partir do 2º e 3º livros, de maneira que nos cumpre observar: qual motivo fez com que o poeta optasse por mudar a convenção utilizada em quase todo o 1º livro? Tais questões são importantes, haja vista que o papel desempenhado por estes enunciatórios poéticos imprimem fundamental significação no enunciado, afora serem eles essenciais para a constituição dessa “narrativa disjuntiva” –

⁸ Martins (2017b, 159-206); Martins (2016a, 426-41); Martins (2016b, 125-59); Martins (2016c, 205-27); Martins (2015a, 43-58); Martins (2015b, 137-72) e Martins (2009).

⁹ Wyke (2002).

¹⁰ Fedeli (2008, 3-38).

¹¹ Greene (1995, 303-18); (2005, 61-78).

¹² Apul. 10.5: eadem igitur opera accusent C. Catul<l>um, quod Lesbiam pro Clodia nominarit, et Tictimam similiter, quod quae Metella erat Perillam scripserit, et Propertium, qui Cunthiam dicat, Hostiam dissimulet, et Tibullum, quod ei sit Plania in animo, Delia in uersu. Ver Martins (2009, 28).

¹³ Prop. 2.1.17-8: “quod mihi si tantum, Maecenas, fata dedissent,/ ut possem heroas ducere in arma manus”.

¹⁴ Prop. 1.21.7-8: “Gallum per medios ereptum Caesaris enses/ effugere ignotas non potuisse manus”.

¹⁵ Prop. 2.14.27-8: “Has pono ante tuam tibi, diva, Propertius aedem/ exuvias, tota nocte receptus amans”.

operadora, *par excellence*, de mais de um vetor narrativo em mais de uma direção e sentido – como pode ser considerado o conjunto de elegias de Propércio. Assim Citroni, e.g., propôs “determinar de que forma os diferentes destinatários além das restrições que determinam na configuração do público elegíaco, deixam marcas significativas nos modos de composição da elegia”¹⁶.

Mesmo que este artigo não esteja preocupado objetivamente em dar respostas de imediato a essas, ele traz à luz soluções de tradução para as elegias do 1º livro que apresentam os 4 interlocutores propercianos do primeiro livro, ressaltando nela, tradução, seu papel singular e substantivo dessa narrativa elegíaca, desse jogo poético urdido por Propércio.

Os interlocutores de Propércio

Tomando o *corpus* deste trabalho, isto é, o 1º livro, têm-se os seguintes interlocutores associados às elegias: Tulo (1.1; 1.6; 1.14; 1.22), Galo (1.5; 1.10; 1.13; 1.20 e 1.21), Pôntico (1.7, 1.9 e talvez 1.12), Basso (1.4), Cíntia (1.2; 1.3; 1.8; 1.11; 1.15; 1.17; 1.18 e 1.19), somados a duas elegias *sui generis*, a 1.12 e a 1.16: na primeira ocorre ausência de interlocução e na segunda, a interlocução passa por uma prosopopeia, já que assume tal papel uma porta que é trabalhada sob o viés do paraclausítiro (παρακλαυσίθυρον). Na primeira (1.12), temos a discussão editorial que possibilita a substituição do adjetivo *conscia* concordando com *Roma*, por *Pontice* ou ainda, a inclusão de *Cynthia* no lugar de *conscia*. Essas alterações na lição do texto podem provocar a inclusão da personagem Pôntico em mais uma elegia, ou excluir dessa elegia um interlocutor específico. Vejamos:

*Quid mihi desidia non cessas fingere crimen,
quod faciat nobis, Pontice, Roma moram?*¹⁷

Por que você não para de me chamar de indolente,
como se Roma fosse, Pôntico, causa do meu atraso?¹⁸

ou

*Quid mihi desidia non cessas fingere crimen,
quod faciat, conscia Roma, moram?*¹⁹

¹⁶ Citroni (1989, 95).

¹⁷ P. Fedeli (1980); S. Viarre (2005) e Sh. Bailey (1956) a partir do manuscrito Δ, *consensus codicum* D V Vo.

¹⁸ Todas as traduções são minhas, caso contrário será consignada autoria.

¹⁹ H. E. Butler (1905); D. Paganelli (1929); E. A. Barber (1953); W. A. Camps (1961); L. Richardson, Jr. (1976); G. Giardina (2010) a partir de Ω

Por que você não para de me acusar de mole,
como se, Roma cúmplice, fosse causa do atraso?

ou

*Quid mihi desidia non cessas fingere crimen,
quod faciat nobis Cynthia, Roma, moram?*²⁰

Por que você não para de me acusar de lerdo,
como se Cíntia, Roma, fosse causa do meu atraso?

Se assumimos a leitura “Pôntico”, temos mais uma ocorrência para o nome (no caso a terceira) de maneira que o tratamento dado a ele estará prescrito pelas elegias anteriores (1.7 e 1.9). Entretanto se considerarmos, a substituição daí temos um caso muito interessante nas elegias dessa coleção, já que fica óbvia a ausência de interlocução, operada pela ampliação de interlocutores no limite da própria cidade, isto é, o vocativo “Roma cúmplice” – *conscia Roma*, ou simplesmente, *Roma*, é um conjunto que contém todos os interlocutores possíveis e os torna, todos, cúmplices da narrativa amorosa disjuntiva (mesmo no segundo caso) da qual Tulo, Galo, Pôntico, Basso e Cíntia são partes envolvidas. Nesse artigo, entretanto, excluo de análise esses dois poemas (o 12 e o 16) e aqueles cuja interlocução seja Cíntia, haja vista a justificativa que já apresentei e esses dois últimos cuja singularidade deve ser observada com mais vagar. Dessa forma apresentarei um pequeno esclarecimento acerca da minha proposição tendo em vista as elegias 1.4 (Basso); 1.7; 1.9 (Pôntico); 1.5; 1.10; 1.13; 1.20 e 1.21 (Galo) e por fim 1.6; 1,14; 1.22 (Tulo).

Aqui excluo de análise esses dois poemas e aqueles cuja interlocução seja Cíntia, haja vista a justificativa que já apresentei e esses dois últimos cuja singularidade deve ser observada com mais vagar. Dessa forma apresentarei um pequenino esclarecimento acerca da minha proposição tendo em vista as elegias 1.4 (Basso); 1.7; 1.9 (Pôntico); 1.5; 1.10; 1.13; 1.20 e 1.21 (Galo) e por fim 1.6; 1,14; 1.22 (Tulo).

Tendo em vista uma leitura biografista, tão comum no século 19, não são poucos os autores que oferecem para a *personae* Basso e Pôntico um estatuto concreto e real, tomando-se como fundamento uma citação de Ovídio nos *Tristia*, sem matizar o dado poético inerente ao texto, isto é, o que Citroni afirma: “mesmo que a personagem tenha um nome verdadeiro, a situação desenhada não dá a menor garantia de que não seja tudo mera ficção, afinal geralmente as situações envolvidas são de pouca consistência, são pequenas contrariedades entre amigos apaixonados, episódios absolutamente triviais numa vida repleta de histórias galantes”.²¹ Afinal esse é o ambiente, o habitat dos amantes na elegia romana como muito bem propora P. Veyne (1983). Ainda assim o

²⁰ G. P. Goold (1990) e S. J. Heyworth (2007) a partir de ζ, *codices deteriores*.

²¹ Citroni (1989, 95-6).

registro ovidiano, por ser uma espécie específica de elegia, em que o cunho confessional imprime alto grau de certeza, é confundido com história, sem levar em consideração as devidas cores poéticas. É de bom alvitre lembrar que Propércio é parte do cânone ovidiano, o que o torna devedor da consistência narrativa daquele. Assim Ovídio não só emula com Propércio, como também garante que seu jogo poético de ilusões ganhe vulto e coerência:

saepe suos solitus recitare Propertius ignes - 45
 iure sodalicii, quo mihi iunctus erat.
 Ponticus heroo, Bassus quoque clarus iambis
 dulcia convictus membra fuere mei.
 et tenuit nostras numerosus Horatius aures,
 dum ferit Ausonia carmina culta lyra. -50
 Vergilium vidi tantum, nec avara Tibullo
 tempus amicitiae fata dedere meae.
 successor fuit hic tibi, Galle, Propertius illi;
 quartus ab his serie temporis ipse fui.²² -54

Propércio acostumado a recitar seus fogos
 sempre, por laços de amizade me era próximo.
 Pôntico, preclaro pelo epos; Basso, com iambos
 foram doces convivas de minha trupe.
 Horácio melódico suavizou meus ouvidos,
 enquanto tocava carmes cultos na lira ausônia.
 Apenas vi Virgílio, não deram a Tibulo
 avaros fados tempo de minha amizade.
 Esse, Galo, foi teu sucessor; Propércio, dele;
 Eu mesmo fui o quarto deles na série do tempo.

Ainda que não se possa refutar peremptoriamente a hipótese de que Basso e Pôntico tenham sido poetas do círculo dos augustanos – o primeiro, como representante da poesia iâmbica e o segundo da poesia épica – muitos argumentos apontam que tanto um como outro sejam entendidos ou como pseudônimos, ou como construções fictícias, que dão azo às discussões metapoéticas, que subjazem à poesia latina de modo geral e à elegíaca de maneira particular. Nesse sentido, Basso reflete a confinidade poética entre a elegia e o iambo, enquanto Pôntico aponta para os limites entre a elegia e a épica. Vejamos a interlocução com Basso:

quo magis et nostros contendis soluere amores, -15
 hoc magis accepta fallit uterque fide.
 non impune ferēs: sciet haec insana puella
 et tibi non tacitis uocibus hostis erit;
 nec tibi me post haec committet Cynthia nec te

²² Ov., *Tr.* 4.10.45-54.

quaeret; erit tanti criminis illa memor, -20
 et te circum omnis alias irata puellas
 differet: heu nullo limine carus eris!²³

Quanto mais você tenta solver nosso amor
 tanto mais enganamos com mútuo vínc'lo.
 Você não vai ficar impune: minha menina
 irá saber e, louca, será tua inimiga, declarada.
 Daí, Cíntia não vai me ceder a você, nem irá
 procurá-lo; ela irá se lembrar tamanho o dolo
 e, irada, para todas as outras meninas, irá
 difamar você: não irá ter mais porta alguma!

Propércio propõe a reversão da elegia em iambo, isto é, a ação ardilosa de Basso, tentando fazer com que o poeta se encante por outra mulher, a partir de seus elogios a essa, o afastando consequentemente de Cíntia para tirar algum proveito, é percebido pelo *ego* elegíaco. Diante desta ação, *Propertius* lança versos tipicamente iâmbicos contra aquele seu interlocutor, operando a confinidade genérica no interior do próprio fazer poético, isto é, realizando o conteúdo iâmbico em forma de dístico elegíaco.

Quanto a Pôntico, o procedimento é diverso, já que ao invés de assumir na elegia o gênero épico a fim de emulá-lo com Pôntico, canta sua elegia a partir da *recusatio*, enfatizando naturalmente a tópica da *militia amoris*.

Dum tibi Cadmeae dicuntur, Pontice, Thebae
 armaque fraternae tristia militiae,
 atque, ita sim felix, primo contendis Homero
 (sint modo fata tuis mollia carminibus),
 nos, ut consuemus, nostros agitamus amores, -5
 atque aliquid duram quaerimus in dominam;
 nec tantum ingenio quantum seruire dolori
 cogor et aetatis tempora dura queri.

Enquanto, Pôntico, você canta Tebas de Cadmo²⁴
 e tristes batalhas da lide fratricida
 e emula com Homero, o poeta – seja eu feliz –
 (que seus poemas tenham um suave fado),
 eu, como de costume, ocupo-me com meus amores
 e procuro algo contra minha cruel dona;
 e leva-me mais servir à dor do que ao dom,²⁵
 lamentando o momento da vez.

²³ Prop. 1.4.15-22

²⁴ Para os vv. 1-8, ver Quinn (1963, 130-97).

²⁵ Ver Prop. 2.1.4; 2.30.40, ou ainda, Ov., *Am.* 2.17.34; 3.12.16; *Tr.* 4.10.59-60. Para os vv. 1-8 ver Gardner (2013, 7).

Recentemente, Heslin²⁶ propõe que Basso é um pseudônimo do Horácio dos *Epodos*, o qual teria respondido a Propércio no 11º Epodo, utilizando o mesmo mecanismo engenhoso do uso do pseudônimo para basear a contenda poética, construindo as máscaras de Pétio, Licisco e Ináquia, todos, segundo o estudioso, derivados de aspectos do 1º livro de Propércio. Essa “diatribe” poética entre Horácio e Propércio produzirá ecos claros na obra do segundo. Curiosamente, ainda alerta Heslin que Ovídio irá tratar tanto de Basso, como de Pôntico como se fossem personagens reais, poetas reais. Nesse sentido, o *scholar* defende que o poeta a quem Propércio endereça as elegias 1.7 e 1.9 está baseado no Alpino de Horácio de maneira que sua citação incorporaria a “antítese das sensibilidades” de um poeta calimaqueano. Diz Horácio na Sátira 1.10:

turgidus Alpinus iugulat dum Memnona dumque
diffingit Rheni luteum caput, haec ego ludo,
quae neque in aede sonent certantia iudice Tarpa
nec redeant iterum atque iterum spectanda theatris.²⁷

Enquanto Alpino,
Segunda vez Menão degola, inchado,
E do Reno a lodosa face pinta,
Com estes meus versos me deleito e folgo;
Não para que uma vez, e outra, à cena
Vão mendigar os públicos aplausos²⁸

Mais do que isto, Pôntico é um nome cognato de *pontus*, *-i*, mar, oceano (πόντος, ου), que é reconhecidamente uma metáfora para poesia épica; enquanto Basso faz referência a um adjetivo de origem osca pouco utilizado no período clássico, que, entretanto, é retomado no latim tardio, dando origem ao termo *baixo* em português, *bajo* em espanhol, *bas* em francês e *basso* em italiano, terminologia indubitavelmente associada ao iambo. É interessante verificar que justamente o termo em questão *bassus* no período clássico é tido como pouco elegante, o que se coaduna perfeitamente com o gênero iâmbico, apontando para um decoro estilístico ou elocutivo.

O nome Galo aparece diversas vezes no primeiro livro em (5; 10; 13; 20; 21), por vezes associa-se a *pernona* elegíaca Galo a pessoa vivida e historicamente real do poeta elegíaco Cornélio Galo, a quem em alguns momentos textuais, parece-nos ser aludido,

²⁶ Helsin (2011).

²⁷ Hor., S. 1.10.36-40. Gowers (2012, 323-5) informa que os escoliastas identificam Alpino com Fúrio Bibáculo, poeta neotérico. Horácio estaria, pois, difamando sua épica cujo tema fora a campanha gaulesa de Júlio César. Essa obra teria um impacto reduzido na cultura letrada de Roma. O adjetivo *turgidus* sugere um estilo inflado e o termo *luteum*, o lodo que faz referência ao rio é metáfora calimaqueana de verborragia estéril. Ver Freudenburg (1992, 103 e 158). Ver Martins (2009b, 227) e Quint., *Inst.* 10.1.93-5.

²⁸ Tradução Antonio Luis Seabra.

ainda mais quando notam-se subjacentemente questões poéticas. Entretanto, a maior parte dos comentadores,²⁹ de modo geral, prefere acreditar que existam pelo menos dois diferentes entre os citados por Propércio. Heyworth³⁰ é um dos estudiosos que admite que não haja apenas um Galo nas elegias de Propércio, dessa forma, propõe que o poeta – ou melhor, o *ego* elegíaco, absteve-se de indicar precisamente a distinção, preferindo manter a ambiguidade entre Cornélio Galo, o poeta elegíaco e um parente homônimo de Propércio. Entende também que se o poeta não desejasse provocar o efeito de dúvida, simplesmente teria omitido o nome no(s) poema(s).³¹ Fedeli³² o propõe como uma emulação de Propércio com Calímaco, cuja base seria o lucar-comum do amigo-rival. Propércio no fechamento do livro 2B, isto é, na elegia 2B.34, desenha a primeira parte de seu poema, tendo em vista os iambos eróticos de Calímaco, mais precisamente, o 3 e o 5 nos quais o alexandrino assume a função do *praecptor*, advertindo seus amigos-rivais sobre a justa punição àqueles que ultrajam a relação de amizade.³³ Argumenta Fedeli que existem pontos em comum entre a técnica estilística de Calímaco e a de Propércio: o estilo familiar, de fato, domina tanto os iambos de Calímaco, como as elegias de Propércio de argumento análogo, de acordo com o caráter íntimo das censuras. Seja como for, tanto Basso como Galo, de acordo com Citroni,³⁴ são nomes que dizem respeito a atores de circunstâncias inerentes à convenção poética elegíaca. Acredito que posso expandir essa constatação, já que participo da ideia de que todas essas personagens, por mais nebulosas que possam parecer, contribuem, de alguma forma, para a constituição das cenas elegíacas, principalmente quando sobre si parem ambiguidade e isso provoque desconforto em sua associação rígida com personagens reais da vida romana, afinal, pelo menos desde Veyne e Wyke,³⁵ é sabido que as *personae* elegíacas contribuem para a construção do “reality effect”.³⁶ Por sua vez, Sharrock crê oportuno entender que o texto properciano jaz *na* e *fora* da “real life” e, portanto, opera possibilidades “of immediacy, of artificiality, of realism and constructivism, of art and nature.” Seu argumento está fundado justamente num jogo que é autoreflexivo (reflete e é refletido) com o relacionamento entre o amante e seus *amici*.

²⁹ e.g. Nicholson (1998-9,143-61) apresenta uma discussão interessantemente aberta sobre a associação de Galo do 1.21 com os demais e o termo *propinquus* do poema 22. Ver Somerville (2009, 295-7).

³⁰ Heyworth (2007, 99).

³¹ A professora Zélia de Almeida Cardoso defende a existência de mais de 3 nomes homônimos.

³² Fedeli (1980, 153).

³³ Como muito bem lembrou A. P. Hasegawa, a referência a Galo na elegia 1.10 pode ser lida como referência à 10ª Bucólica de Virgílio. Ademais se pensarmos editorialmente o *Monobiblos*, com a exclusão dos dois epigramas finais, a elegia 1.10 ocuparia o final da primeira metade. Vale lembrar os primeiros versos daquela: *Extremum hunc, Arethusa, mihi concede laborem:/ pauca meo Gallo, sed quae legat ipsa Lycoris,/ carmina sunt dicenda; neget quis carmina Gallo?*

³⁴ Citroni (1989, 100).

³⁵ L'élégie érotique romaine: l'amour, la poésie et l'Occident, 1983. The Roman Mistress, 2002.

³⁶ Ver Wyke (1987); Wyke (1989); Wyke (2002); Greene (1995).

³⁷ O “reality effect”, parece-me, é justamente o efeito a que me referi num trabalho de 1996, publicado em 2009, quando propus a desconstrução da elegia de Propércio a fim de mapear seu processo compositivo como forma de criticar o biografismo imposto a este texto por grande parte da crítica literária. Lá delimitara retórica e poeticamente aspectos construtivos da elegia de maneira que ao mapear seus ἦθη, deparei-me com uma estrutura que era singular e regular, normalizada, por assim dizer, e pautava-se exclusivamente na operação de um ἦθος de acordo com a verossimilhança que produzia o efeito de *fides*.

Ainda que haja esta ambivalência, é importante verificarmos, Propércio tratará um Galo como êmulo poético claro, vejamos que no poema a seguir temos uma cena explícita de voyeurismo que pode ser lido referencial ou metalinguisticamente:

O iucunda quies, primo cum testis amori
affueram uestris conscius in lacrimis!
o noctem meminisse mihi iucunda uoluptas,
o quotiens uotis illa uocanda meis,
cum te complexa morientem, Galle³⁸, puella -5
uidimus et longa ducere uerba mora!³⁹

Ah! Deliciosa calma, quando espectador do amor,
eu cōnscio estava próximo do seu pranto!
Ah! Delicioso prazer me lembrar daquela noite,
ah! quanta vez, hei de clamá-la em meus desejos,
quando vi você, Galo⁴⁰, morrendo, abraçado à menina⁴¹
conversando por muito tempo sem pressa!

A atitude do *ego* elegíaco confessando sua presença diante de uma cena amorosa em que Galo e sua amada são os atores principais e ele é apenas um coadjuvante, efetivamente, é um tema comportado pela elegia romana sob a perspectiva referencial, isto é, o eu elegíaco poderia estar observando o ato amoroso concreto, entretanto tal observação, tal visada pode ser lida metaforicamente já que observar Galo com sua amada pode ser entendida como “ler atentamente o livro de Galo”, mantendo-se, portanto, a metáfora mulher amada/livro de elegias. O fato de ser cúmplice do pranto de Galo, a meu ver, confirma-o como êmulo elegíaco, dado que, ainda que seja uma cena de amor, não excluimos na elegia o lamento, a queixa, a *querimonia*. Lembrar daquela noite sempre e fazer ser retomada nos desejos parece-me significar a inclusão de Galo no cânone properciano,⁴² assim recuperado como memória poética que é revisitada.

³⁷ Sharrock (2000, 264-5).

³⁸ Ver Allen (1974, 113-6) e Somerville (2009, 295-7).

³⁹ Prop. 1.10.1-6.

⁴⁰ Prop. 1.5.32.

⁴¹ Prop. 1.13.13-20.

⁴² Prop. 2B.34.91-2.

Em outro momento Galo já fora retomado, isto é, na elegia 1.5. Lá, entretanto, Propércio opera o êmulo em tom iâmbico, uma vez que Galo desejaria separá-lo de Cíntia. A contenda que aparentemente é referencial, me parece ser um caso típico de contenda poética, enquanto Galo tenta separar Propércio de Cíntia, Propércio tenta fazer com que Galo se afaste de Licóride. A separação, o afastamento significa desestabilização poética do rival. Vejamos:

Invide, tu tandem uoces compesce molestas
 et sine nos cursu, quo sumus, ire pares!
 quid tibi uis, insane? meae sentire furores?
 infelix, properas ultima nosse mala,
 et miser ignotos uestigia ferre per ignis, -5
 et bibere e tota toxica Thessalia.

Pare, invejoso, enfim sua fala desagradável
 e deixe-nos que sigamos pares na mesma via!
 O que você quer, louco? Ter minha raiva?
 Boçal, você se lança para os piores males;
 infeliz, levando seus passos por fogos ocultos,
 bebendo todos os venenos da Tessália.⁴³

A última personagem a que me dedico é Tulo. Esse, entre os 4 interlocutores do 1º livro, editorialmente ocupa um lugar destacado, já que a ele é dedicado o 1º e o 22º poema da coleção, isto é, a *persona* abre e fecha o *Monobiblos*. Parece que além desse destaque por posição na *ordo* ou *τάξις* do livro, Tulo é uma *persona* poética reconhecível historicamente, sobrinho de Volcácio Tulo, cônsul em 33 a.C., fato que o coloca no cerne do poder à época de Augusto. Nesse sentido Propércio opera sua *recusatio*:

Non ego nunc⁴⁴ Hadriae uereor mare noscere tecum,
 Tulle, neque Aegaeo ducere uela salo,
 cum quo Rhipaeos possim conscendere montis
 ulteriusque domos uadere Memnonias;
 sed me complexae remorantur uerba puellae, -5
 mutatoque graues saepe colore preces.
 illa mihi totis argutat noctibus ignes,
 et queritur nullos esse relictos deos;
 illa meam mihi iam se denegat, illa minatur
 quae solet i<ng>rato tristis amica uiro. -10

Eu não temo mesmo conhecer o Adriático
 com você, Tulo, nem navegar pelo Egeu.
 Você, com quem poderia subir os Urais

⁴³ Prop. 1.5.1-6.

⁴⁴ Fedeli (1980,170) afirma que o *nunc* não é temporal, antes reforça uma reafirmação, ou até mesmo, uma conclusão.

e marchar para bem além da casa de Mêmnon,
 mas voz, súplica e abraço da menina
 sempre com a face triste me retêm.
 Ela, todas as noites, abre-me seu fogo
 e queixa, se abandoná-la, que deuses não há;
 e já diz que não é mais minha, ameaça
 qual amante traída diz a seu macho.

O poema, portanto, deixa claro o reconhecimento da ordem política como fundamento da República, entretanto, denota também que existe um segundo nível de formação do homem romano que deve ser levado em consideração: o amor. Trevor Fear,⁴⁵ desenhando as personagens elegíacas em Propércio, demonstra cabalmente como essas estão contextualizadas em acordo com níveis de formação educacional e sentimental operados tendo em vista o *tirocinium adulescentiae* descrito por Sêneca nas *Controueriae*⁴⁶ ou a *uacatio adulescentia* de Cícero no *Pro Caelio*.⁴⁷ Em ambos os casos tais institutos comprovam que havia certa leniência para as atitudes comportamentais dos jovens Romanos da elite que fugiam ao padrão regular de austeridade moral desejada. Assim recusar a guerra em nome do amor era condizente com sua formação.

Tulo, portanto, é considerado um primeiro patrono poético de Propércio, ocupando papel análogo ao de Mecenas no 2º livro ou no livro 1º de Odes de Horácio, ou de Messala nas elegias 1.1 e 1.3 de Tibulo. Cairns⁴⁸ apresenta um excelente estudo acerca da patronagem tendo em vista a questão literária em Roma, especificamente tratando de Tulo, Galo, Mecenas e Augusto nos livros de Propércio. Assim dois interlocutores, Tulo e Galo, diferentemente de Basso e Pôntico, podem ser considerados de outro estrato mimético, já que, ainda que utilizados poeticamente por Propércio, guardam marcas mais evidentes com a realidade concreta. E isso, é sempre bom lembrar, não significa que sejam dados referenciais propriamente ditos, antes estão situados no limite entre a realidade e a ficção. Em certo sentido, sua existência concreta empresta à ficção poética contornos inequívocos de verossimilhança a ponto de confundir a recepção.

Ainda que possamos ler as *personae* do 1º livro, observando o critério ficção-realidade e, daí a Basso/Pôntico e Tulo/Galo devam ser lidos como pares, parece-me inequívoco que Propércio operou também em paralelo outro critério; isso se pensarmos Galo (Cornélio Galo)/Basso/Pôntico, de um lado como representantes de poéticas ora em confinidade, ora em êmulo, já que por intermédio desses três poetas Propércio observava a elegia, o iambo e o epos em discussão na sua própria poesia e, de outro lado,

⁴⁵ Fear (2005, 13-40).

⁴⁶ Sen., *Contr.* 2.6.11: Concessis aetati iocis utor et iuvenali lege defungor; id facio quod pater meus fecit cum iuvenis esset. Negabit? Bona ego aetate coepi; simul primum hoc tirocinium adulescentiae quasi debitum ac sollemne persolvero, revertar ad bonos mores.

⁴⁷ Cic., *Pro Cael.* 30.3: Erat enim meum deprecari vacationem adulescentiae veniamque petere.

⁴⁸ Cairns (2006, 41-103).

pensarmos Galo (parente de Propércio) e Tulo, o primeiro como representante da esfera privada, familiar e “doméstica” tão importante ao efeito de *fides*, e o segundo como o referente da esfera pública, já que se apresenta como o patrono do primeiro livro, igualmente importante, pois insere sua elegia no âmbito das relações de poder. Tal jogo de referentes estava, portanto, a serviço dos efeitos ou das afecções que a elegia erótica romana levava e leva a termo ao ser fruída tanto em Roma como na contemporaneidade. Que agora Propércio fale...

Corpus Propertii – Monobiblos – Translationes et adnotationes

a) Basso

<p>Quid mihi tam multas laudando, Basse, puellas mutatum domina cogis abire mea? quid me non pateris uitae quodcumque sequetur hoc magis assueto ducere seruitio? tu licet Antiopae formam Nycteidis, et tu Spartanae referas laudibus Hermionae, et quascumque tulit formosi temporis aetas; Cynthia non illas nomen habere sinat: nedum, si leuibis fuerit collata figuris,⁵⁰ inferior duro iudice turpis eat. haec sed forma mei pars est extrema furoris; sunt maiora, quibus, Basse, perire iuuat: ingenuus color et multis decus artibus et quae gaudia sub tacita ducere ueste libet. quo magis et nostros contendis soluere amores, hoc magis accepta fallit uterque fide. non impune ferēs: sciet haec insana puella et tibi non tacitis uocibus hostis erit; nec tibi me post haec committet Cynthia nec te quaeret; erit tanti criminis illa memor, et te circum omnis alias irata puellas</p>	<p>4⁴⁹ -5 -10 -15 -20</p>	<p>Por que, Basso, elogiando tantas meninas, me força que eu mudado largue minha mulher? Por que não me deixa levar a vida, já que servidão me é comum? Ainda que você me elogie Antíopa de Nicteu e a espartana Hermíone e outras que nos concedeu a idade de ouro, Cíntia não irá deixar que façam fama: mesmo se ela for par de belezas refinadas, nem assim haverá de ser inferior a julgar duro siso. Mas sua forma é somenos do meu tesão: Maiores há pelo que morro, Basso: suave tez, graciosidade com muitas artes⁵¹ e aqueles gozos que tomo, sob muda veste⁵². Quanto mais você tenta solver nosso amor tanto mais enganamos com mútuo vínc'lo. Você não vai ficar impune: minha menina irá saber e, louca, será tua inimiga declarada. Daí, Cíntia não vai me ceder a você, nem irá procurá-lo; ela irá se lembrar tamanho o dolo e, irada, para todas as outras meninas, irá</p>
--	--	---

⁴⁹ Ver Cairns (2007, 59-93); Suits (1976, 86-91); Delbey (2008, 177-88); Sharrock (2000, 263-84).

⁵⁰ Há discordância de tradução para a expressão *leuibis figuris*. De um lado, aqueles que tomam pejorativamente, afirmando ‘beldades de somenos’ (Nascimento), ‘de minces personnes’ (Papanelli), ‘de moindres personnes’ (Viarre), ‘trivial beauties’ (Goold), ‘figuras menores’ (de Verger), ‘minore figure’ (Leto), ‘insignificant beauties’ (Heyworth), ‘bellezze mediocre’ (Canali), ‘bellezas corrientes’ (Moya e Elvira), ‘comuns’ (Oliva Neto) ou, valorativamente, propondo ‘bellezze Latine’ (Giardina), ‘figuras tão finas’ (Flores). Prefiro tomar como a minoria, valorativamente, já que a relação da palavra *leuis* poeticamente é positiva em Propércio e a mulher amada é comparável à própria poesia. Enk propõe: *quae in uiis uagantur*, isto é, vagabundas.

⁵¹ Ver Prop. 1.2.

⁵² Ver AP 5.139. 5-6 (Meleagro).

differet: heu nullo limine carus eris!
 nullas illa suis contemnet fletibus aras,
 et quicumque sacer, qualis ubique, lapis.
 non ullo grauius temptatur Cynthia damno
 quam sibi cum raptō cessat amore deus:
 praecipue nostri. maneat sic semper, adoro,
 nec quicumque ex illa quod querar inueniam!

-25 | difamar você: não irá ter mais porta alguma!
 Nenhum altar, lugar ou pedra sagrados
 serão esquecidos pelos prantos dela.
 Cíntia não se magoa mais com erro mais grave
 do que um deus quando de si um amor é tomado:
 principalmente o meu. Assim seja sempre, peço,
 e não irei chorar o que dela receba!

b) Pôntico

Dum tibi Cadmeae dicuntur, Pontice, Thebae
 armaque fraternae tristia militiae,
 atque, ita sim felix, primo contendis Homero
 (sint modo fata tuis mollia carminibus),
 nos, ut consuemus, nostros agitamus amores,⁵⁴
 atque aliquid duram quaerimus in dominam;
 nec tantum ingenio quantum seruire dolori
 cogor et aetatis tempora dura queri.
 hic mihi conteritur uitae modus, haec mea fama est,
 hinc cupio nomen carminis ire mei.
 me laudent doctae solum placuisse puellae,
 Pontice, et iniustas saepe tulisse minas;
 me legat assidue post haec neglectus amator,
 et prosint illi cognita nostra mala.
 te quoque si certo puer hic concusserit arcu –
 †quod nollim nostros e cuiolasse† deos! –
 longe castra tibi, longe miser agmina septem
 flebis in aeterno surda iacere situ;
 et frustra cupies mollem componere uersum,
 nec tibi subiciet carmina serus Amor.
 tum me non humilem mirabere saepe poetam,
 tunc ego Romanis praeferar ingeniis;
 nec poterunt iuuenes nostro reticere sepulcro
 ‘Ardoris nostri magne poeta iaces.’
 tu caue nostra tuo contemnas carmina fastu:
 saepe uenit magno faenore tardus Amor.

7⁵³
 -5 | **Enquanto**, Pôntico, você canta Tebas de Cadmo⁵⁵
 e tristes batalhas da lide fraticida
 e emula com Homero, o poeta – seja eu feliz –
 (que seus poemas tenham um suave fado),
 eu, como de costume, ocupo-me com meus amores
 e procuro algo contra minha cruel dona;
 e leva-me mais servir à dor do que ao dom,⁵⁶
 lamentando o momento da vez.
 -10 | Meu viver assim decorre, esta é minha fama,
 Assim quero que siga o nome de meu verso.
 Louvem-me só por ter agradado à douta menina⁵⁷,
 Pôntico, e ter tolerado incuas ameaças!
 Leia-me sempre, depois disso, o amante deposto
 Sejam-lhe úteis meus famosos males.
 -15 | A você também, se o menino feriu com arco certo.
 – Não que desejasse que meus deuses ferissem –
 Você, longe da guerra, infeliz, longe das fileiras
 irá chorar que jaz em silêncio sob eterna terra
 e irá desejar, em vão, compor suave verso,
 -20 | mas o amor tardio não irá sugerir poemas⁵⁸.
 Então, irá admirar que não sou poeta humilde,
 então, serei o preferido pelos romanos cultos;
 jovens não poderão se calar ante ao meu sepulcro:
 "Descanses, ó grande poeta de nosso ardor!"
 -25 | Cuidado! Não despreze meus poemas com seu fausto:
 amiúde o amor tardio chega com alto preço.?

⁵³ Ver Solmsen (1965, 77-84); Vessey (1969-70, 53-9); Skutsch (1973, 319-21); Fedeli (1981, 227-42) e Delbey (2008, 177-88).

⁵⁴ Para os vv. 1-5, ver: Breed (2010, 234-45).

⁵⁵ Para os vv. 1-8, ver Quinn (1963, 130-97).

⁵⁶ Ver Prop. 2.1.4; 2.30.40, ou ainda, Ov., *Am.* 2.17.34; 3.12.16; *Tr.* 4.10.59-60. Para os vv. 1-8 ver Gardner (2013, 7).

⁵⁷ Ver Prop. 2.13.11; 2.11.5-6.

⁵⁸ Ver Hor. *Ep.* 11. 1-4.

Dicebam tibi uenturos, irrisor, Amores,
 nec tibi perpetuo libera uerba⁶⁰ fore:
 ecce iaces supplexque uenis ad iura puellae,
 et tibi nunc quaeuis imperat empta modo.
 non me Chaoniae uincant in amore columbae
 dicere, quos iuuenes quaeque puella domet.
 me dolor et lacrimae merito fecere peritum:
 atque utinam posito dicar amore rudis!
 quid tibi nunc misero prodest graue dicere carmen
 aut Amphioniae moenia flere lyrae?
 plus in amore ualet Mimnermi uersus Homero:
 carmina mansuetus lenia⁶¹ quaerit Amor.
 i quaeso et tristis istos compone libellos,
 et cane quod quaeuis nosse puella uelit!
 quid si non esset facilis tibi copia! nunc tu
 insanus medio flumine quaeris aquam.
 necdum etiam palles, uero nec tangeris igni:
 haec est uenturi prima fauilla mali.
 tum magis Armenias cupies accedere tigris
 et magis infernae uincula nosse rotae,
 quam pueri totiens arcum sentire medullis
 et nihil iratae posse negare tuae.
 nullus Amor cuiquam facilis ita praebuit alas,
 ut non alterna presserit ille manu.⁶²
 nec te decipiat, quod sit satis illa parata:
 acrius illa subit, Pontice, si qua tua est,
 quippe ubi non liceat uacuos seducere ocellos,
 nec uigilare alio limine cedat Amor.
 qui non ante patet, donec manus attigit ossa:
 quisquis es, assiduas tu fuge blanditias!
 illis et silices et possint cedere quercus,
 nedum tu possis, spiritus iste leuis.
 quare, si pudor est, quam primum errata fatere:
 dicere quo pereas saepe in amore leuat.

9⁵⁹

Eu lhe dizia, brincalhão, que Amores viriam,
 e nunca mais você seria livre para falar:
 eis que jaz submisso e se sujeita aos mandos da menina,
 e agora, essa, comprada há pouco, manda em você.
 -5 no amor nada melhor do que eu, dizem as aves da Caônia⁶³,
 ao prever quais rapazes cada menina domina.
 Dor e lágrimas me fizeram com mérito um perito,
 que, o amor estando longe, me chamem de novato⁶⁴!
 Do que serve, infeliz, cantar um poema nobre
 ou lamentar muros da lira anfíônia⁶⁵?
 -10 No amor sou mais o verso de Mimnermo que Homero.⁶⁶
 o dócil Amor procura afáveis poemas.
 Vá, eu desafio, abandone os livrinhos tristes
 e cante o que a menina quer ouvir.
 E se isto não lhe é matéria fácil?
 Bem ... hoje, louco, procura água no rio.
 E'inda nem está pálido, nem mesmo o fogo lhe tocou.
 Esta é a primeira fagulha⁶⁷ do seu futuro mal.
 -20 Então, irá querer ceder aos tigres da Armênia,
 preferir estar atado à roda do inferno,
 a sentir toda hora a seta do menino no sangue
 e nada poder negar à sua menina nervosa.
 Amor nunca ofereceu dóceis asas a alguém de modo
 que ele não o prendesse com a outra mão.
 -25 Nem lhe engane o fato de ela ser muito tolerante:
 Fere mais profundamente, Pôntico, se ela for sua,
 ainda mais se não lhe é possível desviar o olhar dela
 o Amor não cede que você vigie uma outra,
 ele não se revela até que as mãos atinjam seus ossos.
 -30 Quem quer que você seja, evite afagos frequentes!
 A eles, nem carvalhos ou seixos poderiam resistir,
 muito menos você, um espírito suave.
 Por isso, se você tem pudor, admita logo seus erros:
 cantar por quem vai morrer, no amor, sempre consola.

⁵⁹ Ver Fedeli (2004, 293-304).

⁶⁰ Prop. 1.1.28.

⁶¹ Ov., *Am.* 2.1.22 = lenia uerba.

⁶² Ver Hubbard (1991, 219-22).

⁶³ Ver Paus. 7.21.2; 10.12.10.

⁶⁴ Propércio nos vv. 7-8 apresenta o contraste entre o peritus e o rudis, isto é, entre o experiente no amor, um douto amante, afeito portanto à elegia e o inexperiente, um nescio amante, provavelmente, mais hábil na poesia épica.

⁶⁵ Hor., *Carm.* 3.11.1-2; Sen., *Her. F* 262-3; *Phoen.* 566-70.; *Her. O.* 611-2; Prop. 3.2.2-10. e 2.13.3-8.

⁶⁶ Ver Fedeli (2005) e Giangrande (1986).

⁶⁷ Ver *AP* 5.131. 2-3 (Filodemo).

c) Tulo

<p>Non ego nunc⁶⁹ Hadriae uereor mare noscere tecum, Tulle, neque Aegaeo ducere uela salo, cum quo Rhipaeos possim conscendere montis ulteriusque domos uadere Memnonias; sed me complexae remorantur uerba puellae, mutatoque graues saepe colore preces. illa mihi totis argutat noctibus ignes, et queritur nullos esse relictas deos; illa meam mihi iam se denegat, illa minatur quae solet i<ng>rato tristis amica uiro. his ego non horam possum durare querelis: a pereat⁷⁰, si quis lentus amare potest! an mihi sit tanti doctas cognoscere Athenas⁷¹ atque Asiae ueteres cernere diuitias, ut mihi deducta faciat conuicia puppi Cynthia et insanis ora notet manibus, osculaque opposito dicat sibi debita uento, et nihil infido durius esse uiro? tu patruī meritas conare anteire securis, et uetera oblitis iura refer sociis. nam tua non aetas umquam cessauit amori, semper at armatae cura fuit patriae; et tibi non umquam nostros puer iste labores afferat et lacrimis omnia nota meis! me sine, quem semper uoluit fortuna iacere,</p>	<p>6⁶⁸ -5 -10 -15 -20 -25</p>	<p>Eu não temo mesmo conhecer o Adriático com você, Tulo, nem navegar pelo Egeu. Você, com quem poderia subir os Urais⁷² e marchar para bem além da casa de Mêmnon,⁷³ mas voz, súplica e abraço da menina sempre com a face triste⁷⁴ me retêm. Ela, todas as noites, abre-me seu fogo e queixa, se abandoná-la, que deuses não há; e já diz que não é mais minha, ameaça qual amante traída diz a seu macho. A isso não resisto nem um segundo: morra quem possa amar soberbo! Acaso é-me tão útil conhecer a douta Atenas⁷⁵ ou ver velhas riquezas da Ásia, que Cíntia me insulte enquanto zarpa o navio, e, arranhe o rosto com loucas mãos, dizendo ao vento adverso que ele deve meus beijos e que nada é mais cruel que um macho infiel? Você tenta superar honras de teu tio⁷⁶ e concede a sócios imemorados velhas leis, pois seu viço nunca cedeu ao amor, mas sempre sua cura foi pátria armada.⁷⁷ Que o tal menino⁷⁸ não leve a você minha dor⁷⁹ e tudo que experimentei com meu pranto! Deixe-me, a quem a sorte sempre quis caído,</p>
---	---	--

⁶⁸ Ver Cairns (2007, 94-103) [= AJPh 95 (1974, 150-63)]; Cardoso (2003, 127-50); Lyne (2007); Boucher (1977, 53-71).

⁶⁹ Fedeli (1980,170) afirma que o *nunc* não é temporal, antes reforça uma reafirmação, ou até mesmo, uma conclusão.

⁷⁰ O lugar-comum da maldição, da *dirae*, da imprecação, é comum em Propércio e o aproxima da iâmbica. Ver Prop. 1.11.30; 1.17.13; 2.23.12; 2.33.27 ou Tib. 1.1.51; 2.4.27; Lygd 4.62; Ov., *Ars* 2.272; 3.494; *Fast.* 4.240-241, *Copa* 34.

⁷¹ Prop. 3.21.1 ou Ov., *Tr.* 1.2.77-8.

⁷² Ver Call., Fr. 186 Pf. Rifeu, monte na Cítia, nos Urais.

⁷³ Prop. 2.18B.16. Casa de Mêmnon: Etiópia.

⁷⁴ Prop. 1.3.44 e 1.16.47. Efeito policromático entre gregos e romanos. Pl., *Ly.* 222b e *Ep.* 7.349a.

⁷⁵ Prop. 1.2.27. Traduzi *docta* ora por douta ou ora por culta.

⁷⁶ Volcácio Tulo, consul de 33 a.C.

⁷⁷ *Militia amaoris* na poesia erótica. Para os vv. 19-22, ver Wilson (2009, 173-202).

⁷⁸ Prop. 2.12.1 e 1.19.5. Sobre *Amor*, *Cupido* e *Puer* em poesia augustana e nas artes figurativas ver Serignolli (2013).

⁷⁹ Segundo Fedeli (1980,180), *labores* no caso é sofrer de amor em consonância a Plaut., *Pseud.* 695; Ter., *Andr.* 719; Lucr. 4.1121; Catul. 50.14. Tal uso também é atestado na literatura grega: Ar. Ec. 975 e Anacreont. 33. 13-16B.

hanc animam extremam reddere nequitiae.
 multi longinquo periere in amore libenter,
 in quorum numero me quoque terra tegat.
 non ego sum laudi, non natus idoneus armis:
 hanc me militiam fata subire uolunt.
 at tu, seu mollis qua tendit Ionia, seu qua
 Lydia Pactoli tingit arata liquor;
 seu pedibus terras seu pontum carpere remis,
 ibis et accepti pars eris imperii:
 tum tibi si qua mei ueniet non immemor hora,
 uiuere me duro sidere certus eris.

-30

-35

dedicar toda a vida a essa putaria.
 Muitos morreram com prazer num longo amor,
 entre eles, que a terra também me cubra.
 Não sou dado ao louvor, não nasci afeito às armas⁸⁰:
 fados querem que eu suporte essa lida.
 Quanto a você – seja na suave Jônia, seja
 na Lídia onde o Pactolo banha campos cultos –
 irá percorrer com os pés, terras ou ponto, com remos
 e você será parte do estimado Império:
 então, se alguma hora você se lembrar de mim,
 esteja certo de que vivo sob um duro astro.

Tu licet abiectus Tiberina molliter unda
 Lesbia Mentoreo⁸² uina bibas opere,
 et modo tam celeris mireris currere lintres
 et modo tam tardas funibus ire ratis;
 et nemus omne satas intendat uertice siluas⁸³,
 urgetur quantis Caucasus arboribus;
 non tamen ista meo ualeant contendere amori:
 nescit Amor magnis cedere diuitiis.
 nam siue optatam mecum trahit illa quietem,
 seu facili totum ducit amore diem,
 tum mihi Pactoli ueniunt sub tecta liquores,
 et legitur Rubris gemma sub aequoribus;
 tum mihi cessuros spondent mea gaudia reges:
 quae maneant, dum me fata perire uolent!
 nam quis diuitiis aduerso gaudet Amore?
 nulla mihi tristi praemia sint Venere!
 illa potest magnas heroum infringere uires,
 illa etiam duris mentibus esse dolor:
 illa neque Arabium metuit transcendere limen
 nec timet ostrino, Tulle, subire toro,
 et miserum toto iuuenem uersare cubili:
 quid releuant uariis serica⁸⁴ textilibus?
 quae mihi dum placata aderit, non ulla uerebor

-5

-10

-15

-20

14⁸¹

Ainda que você esteja lânguido no Tibre
 e beba vinhos lésbios numa copa de Mentor,
 e ora admire os céleres batéis correndo,
 ora os lentos remos navegando,
 ainda que o bosquete estenda-se no cimo, selva alta,
 como o Cáucaso de árvores muitas ocupe-se,
 que isto, porém, não se compare ao meu amor:
 o Amor não cede a grandes riquezas⁸⁵.
 Pois, se comigo ela gasta uma calma noite,
 ou então o dia todo passa em sexo louco,
 então, o Pactolo⁸⁶ corre sob meu teto⁸⁷
 e colho as gemas do Mar Vermelho,
 então meus gozos⁸⁸ provam a submissão real:
 que durem até que os fados deem-me a morte!
 Quem goza das posses se o Amor for adversário?
 Que eu não tenha deleite com Vênus triste!
 Ela pode abater grandes forças de heróis,
 ela pode, ainda, ser dor aos corações rudes,
 ela não teme atravessar o portal da Arábia,
 nem invadir, Tulo, o leito púrpura
 e revolver o pobre jovem por toda a cama:
 o que suavizam as sedas de cor vária?
 Enquanto ela me for favorável, não temerei

⁸⁰ Prop. 2.7.14.

⁸¹ Ver King (1981-2, 329-39).

⁸² Plin., *Nat.* 33.154. *Opus* aqui tem o significado de resultado de trabalho artístico ou artesanal. Prop. 3.9.12-3; Lucin., *Lex.* 7.; 7. 127. Ver Cairns (2007, 134-6) [= *PLLS* 3 (1981, 419-22)].

⁸³ Ver Fedeli (1980, 325).

⁸⁴ Plin., *Nat.* 13.62: *textile*. Plin., *Nat.* 21.11: a principal qualidade da *serica* é diversidade de cores.

⁸⁵ Prop. 1.5.24.

⁸⁶ Prop. 1.6.32 e AP 9.423.4 (Bianor).

⁸⁷ De vv. 11-13: lugar-comum helenístico do amante rico. Prop. 1.8.38.

⁸⁸ OLD na 2ª aceção de *gaudium*, i propõe “Physical or sensual delights”.

regna uel Alcinoi munera despicere.

desprezar reinos ou um presente de Alcinoio.

Qualis et unde genus, qui sint mihi, *Tulle*, *Penates*,
 quaeris pro nostra semper amicitia.
 si Perusina tibi patriae sunt nota sepulcra,
 Italiae duris funera temporibus,
 cum Romana suos egit discordia ciues -5
 (es mihi praecipue, puluis *Etrusca*, dolor,
 tu proiecta mei perpressa es membra propinqui,
 tu nullo miseri contegis ossa solo),
 proxima supposito contingens *Vmbria* campo
 me genuit terris fertilis uberibus. -10

22⁸⁹

Quais Penates, quem sou e d'onde é minha família,
 Tulo, você me pergunta por nossa amizade⁹⁰.
 Se, conhece sepulcros da pátria na Perúgia,
 sepulcros da Itália em tempos duros,
 quando a discórdia romana⁹¹ matou civis.
 (Assim és especialmente, etrusca terra, dor,
 tu deixaste restos de um parente isepultos,
 tu não cobres os ossos do infeliz com a terra).
 A vizinha Úmbria, que é limite desses campos,
 Ela, fértil, gerou-me em terras fartas.

d) Galo

Invide, tu tandem uoces compesce molestas
 et sine nos cursu, quo sumus, ire pares!
 quid tibi uis, insane? meae sentire furores?
 infelix, properas ultima nosse mala,
 et miser ignotos uestigia ferre per ignis, -5
 et bibere e tota toxica Thessalia.
 non est illa uagis similis collata puellis⁹³:
 molliter irasci non solet illa tibi.
 quod si forte tuis non est contraria uotis,
 at tibi curarum milia quanta dabit! -10
 non tibi iam somnos, non illa relinquet ocellos;
 illa feros animis alligat una uiros.
 a, mea contemptus quotiens ad limina curres,
 cum tibi singultu fortia uerba cadent,
 et tremulus maestis orietur fletibus horror, -15
 et timor informem ducet in ore notam
 et quaecumque uoles fugient tibi uerba querenti,
 nec poteris, qui sis aut ubi, nosse miser!
 tum graue seruitium nostrae cogere puellae
 discere et exclusum quid sit abire domum; -20

5⁹²

Pare, invejoso, enfim sua fala desagradável
 e deixe-nos que sigamos parelhos na mesma via!
 O que você quer, louco? Ter minha raiva?
 Boçal, você se lança para os piores males;
 infeliz, levando seus passos por fogos ocultos,
 bebendo todos os venenos da Tessália⁹⁷.
 Ela, se comparada às putinhas, não é par:⁹⁸
 ela não consegue irar-se suavemente com você.
 E, se ela, por acaso, não é contrária a seus assédios,
 vai dar, então, milhares de inquietações!
 Não irá abandonar seu sono, nem seus olhos,
 ela é única, por seu moto, detendo machos cruéis.
 Ah! Quanta vez, desdenhado, irá correr à minha porta,
 quando palavras soberbas irão escapar entre seus soluços.
 E um trêmulo horror virá em meio ao choro,
 e um temor irá compor seu cenho informe
 e lastimando, o seu verbo desejado vai faltar,
 e não irá poder, pobre, saber quem é ou onde está!
 Então será obrigado a conhecer o grave jugo da
 minha menina e o que seja voltar expulso para casa;

⁸⁹ Ver Putnam (1976, 93-123); Videau (2011); Clarke (2012, 364-80); Keith (2011); Boucher (1977, 53-71); Fedeli (1980, 496-7) referenda a posição de Wilamowitz (1913), enfatizando em 1.22 a presença do motivo do epigrama sepulcral, relaciona, pois, o epigrama properciano numa série de epigramas helenísticos que possuem valor de *sphragís*. Ver AP 7. 414 (Nosses); AP 7.417-19 (Meleagro); AP 7.525 (Calímaco) = Call., *Epigr.* 21 Pf.

⁹⁰ Prop. 1.3.44 e 1.16.47.

⁹¹ Fedeli (1980, 502). Ver Verg., Ecl. 1.71-2.

⁹² Ver Cairns (2007, 59-93) [= *PLLS* 4 (1984, 61-103)]; King (1980, 212-30); Skutsch (1973, 316-23) e Boucher (1977, 53-71).

⁹³ Para os vv. 7-12 ver Fedeli (2006, 89-101).

nec iam pallorem totiens mirabere nostrum,
 aut cur sim toto corpore nullus ego.
 nec tibi nobilitas poterit succurrere amanti:
 nescit *Amor* priscis cedere imaginibus.
 quod si parua tuae dederis uestigia culpae,
 -25 quam cito de tanto nomine rumor eris!
 non ego tum potero solacia ferre roganti,
 cum mihi nulla mei sit medicina⁹⁴ mali;
 sed pariter miseri socio cogemur amore
 alter in alterius mutua flere⁹⁵ sinu.
 -30 quare, quid possit mea *Cynthia*, desine, *Galle*,
 quaerere: non impune illa rogata⁹⁶ uenit.

O iucunda quies, primo cum testis amori
 affueram uestris conscius in lacrimis!
 o noctem meminisse mihi iucunda uoluptas,
 o quotiens uotis illa uocanda meis,
 cum te complexa morientem, *Galle*¹⁰¹, puella
 uidimus et longa ducere uerba mora!
 quamuis labentis premeret mihi somnus ocellos
 et mediis caelo Luna ruberet equis,
 non tamen a uestro potui secedere lusu:
 tantus in alternis uocibus ardor erat.
 -10 sed quoniam non es ueritus conc<r>edere nobis,
 accipe commissae munera laetitiae¹⁰²:
 non solum uestros didici reticere dolores,
 est quiddam in nobis maius, amice, fide¹⁰³.
 -15 possum ego diuersos iterum coniungere amanti,
 et dominae tardas possum aperire fores;
 et possum alterius curas sanare recentis,
 nec leuis in uerbis est medicina meis.
 Cynthia me docuit, semper quaecumque petenda

e já não irá se admirar tanta vez com meu palor
 ou porque sou nada em todo meu corpo.
 Nem sua estirpe poderá socorrer você amante:
 o Amor não sabe ceder às priscas imagens⁹⁹.
 -25 Se você tiver dado a menor pista de infidelidade,
 com que rapidez fará de seu renome rumores!
 Então, eu não poderei trazer alívio à sua suplica,
 pois não tenho tratamento algum para o meu mal!
 Mas, míseros, seremos movidos por um amor comum
 e choraremos um nos ombros do outro.
 -30 Por isso, ó Galo, não procure saber qual o poder de Cíntia:
 ela, quando chamada, não vem impunemente.

10¹⁰⁰

Ah! Deliciosa calma, quando espectador do amor,
 eu cōnscio estava próximo do seu pranto!
 Ah! Delicioso prazer me lembrar daquela noite,
 -5 ah! quanta vez, hei de clamá-la em meus desejos,
 quando vi você, Galo¹⁰⁴, morrendo, abraçado à menina¹⁰⁵
 conversando por muito tempo sem pressa!
 Por mais que o sono pesasse em meus olhos hesitantes
 e a lua enrubescesse¹⁰⁶ no meio céu com seu carro,
 eu não pude, porém, resistir a seu jogo: tanto¹⁰⁷
 -10 era o ardor das vozes alternadamente misturadas.
 Mas, como você não temeu confiar em mim,
 aceite a recompensa do prazer confiado:
 não só aprendi a ocultar suas dores,
 como, amigo, em mim há algo maior que confiança!
 -15 Posso unir, novamente, amantes separados,
 posso abrir portas tardias de uma mulher,
 posso curar nos outros feridas recentes,
 não é fraco o remédio da minha poesia.
 Cíntia sempre me ensinou o que deve ser pedido

⁹⁷ Prop. 1.1.24 e 1.12.10.

⁹⁸ Para os vv. 7-12 e 19-20, ver Fedeli (2006).

⁹⁴ Plaut., *Cist.* 73-74 e Call., *Epigr.* 46Pf [= AP 12.150]. Para os vv. 27-8, ver Merriam. (2001,69-76).

⁹⁵ AP 12.72.5-6 (Meleagro).

⁹⁶ Catull. 8.13. Prop. 3.14.31 e 4.5.42.

⁹⁹ Prop. 1.14.8. Cic., *Rab. Post.* 17. 2; *Agr.* 2.1.1; Juv 8; e Plb 6.53. Sobre as imagens dos antepassados ver Flower (1999); Martins (2011, 159), Martins (2013, 230-45) e Martins (2014, 81-94).

¹⁰⁰ Prop. 2.15. Ver Pincus (2004,172-9); Pasco-Pranger (2009, 142-6); Fowler. (2000); Lyne (2007).

¹⁰¹ Ver Allen (1974,113-6) e Somerville (2009, 295-7).

¹⁰² *Laetitia* com um sentido essencialmente erótico.

¹⁰³ Catul. 102.1-2.

¹⁰⁴ Prop. 1.5.32.

¹⁰⁵ Prop. 1.13.13-20.

¹⁰⁶ Hor., *Carm.* 2.11.10 e Verg., *G* 1.431.

¹⁰⁷ Para os vv. 2-9 ver Gardner (2013,77).

quaeque cauenda forent: non nihil egit Amor. -20 | e o que se deve evitar: o Amor não fez pouco.
 tu caue ne tristi cupias pugnare puellae,
 neu superba loqui, neu tacere diu;
 neu, si quid petiit, ingrata fronte negaris,
 neu tibi pro uano uerba benigna cadant.
 irritata uenit, quando contemnitur illa, -25 | e o que se deve evitar: o Amor não fez pouco.
 nec meminit iustas ponere laesa minas:
 at quo sis humilis magis et subiectus Amori,
 hoc magis effectu saepe fruare bono.
 is poterit felix una remanere puella,
 qui numquam uacuo pectore liber erit.

Tu, quod saepe soles, nostro laetabere casu,
 Galle, quod abrepto solus amore uacem.
 at non ipse tuas imitabor, perfide, uoces:
 fallere te numquam, Galle, puella uelit.
 dum tibi deceptis augetur fama puellis, -5 |
 certus et in nullo quaeris amore moram,
 perditus in quadam tardis pallescere curis
 incipis, et primo lapsus abire gradu.
 haec erit illarum contempti poena doloris:
 multarum miseris exiget una uices. -10 |
 haec tibi uulgaris istos compescet amores,
 nec noua quaerendo semper amicus eris.
 haec ego non rumore malo, non augure doctus;
 uidi ego: me quaeso teste negare potes?
 uidi ego te toto uinctum languescere collo -15 |
 et flere iniectis, Galle, diu manibus,
 et cupere optatis animam deponere labris,
 et quae deinde meus celat, amice, pudor.
 non ego complexus potui diducere uestros:
 tantus erat demens inter utrosque furor. -20 |
 non sic Haemonio Salmonida mixtus Enipeo
 Taenarius facili pressit amore deus,
 nec sic caelestem flagrans amor Herculis Heben
 sensit ab Oetaeis gaudia prima rogis.
 una dies omnis potuit praecurrere amantis ¹⁰⁸ :
 -25 |
 nam tibi non tepidas subdidit illa faces,
 nec tibi praeteritos passa est succedere fastus,
 nec sinet abduci te tuus ardor aget.
 nec mirum, cum sit Ioue dignae proxima Ladae
 et Ladae partu gratior, una tribus; -30 |
 illa sit Inachiis et blandior heroinis,
 illa suis uerbis cogat amare Iouem.
 tu uero quoniam semel es periturus amore,

13

Como é seu costume, alegrar-se-á com meu desfavor,
 Galo, vago só, arrebatado de meu amor.
 Eu, porém, não irei imitar desleal suas palavras:
 que sua menina nunca queira, Galo, trair!
 Enquanto sua fama cresce com meninas iludidas,
 e, seguro, você não procura um amor estável,
 perdido em um empalidecese em tardios desejos,
 e você começa a dar o primeiro passo para a queda.
 Ela será o castigo pelo desprezo da dor de outras:
 uma só irá vingar a vez infeliz de muitas.
 Ela irá reprimir esses seus amores vulgares,
 e você não buscando novos amores, será sempre fiel.
 Nisso sou douto, nem por mau boato, nem por augúrio.
 Eu vi: você pode negar-me como testemunha?
 Eu vi você enlanguescer, seduzido por aquele colo, Galo,
 e você chorava por muito, jogado aos braços dela.
 Desejava morrer nos cobiçados lábios
 e daí coisas, meu amigo, que o pudor veda.
 Eu não pude separar os seus abraços:
 tanto tesão havia entre cada um de vocês.
 Não foi assim que o deus Tenário misturado ao
 Emônio Enipeu tomou com dócil sexo a Salmônide,
 nem assim o ardente amor de Hércules pela celestial
 Hebe sentiu no cimo do Eta os primeiros gozos.
 Um dia só pôde fazer você ultrapassar todos os amantes:
 ela submeteu você a ardores¹¹⁰ quentíssimos,
 não consentiu que seu velho fasto tornasse,
 nem permitirá que você vá: seu ardor está no poder.
 Nem é de admirar como seja par de Leda, digna de Jove,
 mais bonita¹¹¹ que as três filhas de Leda!
 Ela seria mais desejável que as heroínas, filhas de Ínaco¹¹²,
 ela com suas palavras seria capaz de fazer Júpiter amá-la.
 Uma vez que você há de morrer de amor,
 goze: você não era digno de outra porta.

¹⁰⁸ Para os vv. 23-6 ver Quiles (2007, 157-70).

utere¹⁰⁹: non alio limine dignus eras.
qui tibi sit felix, quoniam nouus incidit, error; -35
et quodcumque uoles, una sit ista tibi.

Já que algo novo avança, que ele seja um erro feliz
e tudo o que quiser, esta seja a única para você!

Hoc pro continuo te, Galle, monemus amore
(id tibi ne uacuo defluat ex animo):
saepe imprudenti fortuna occurrit amanti:
crudelis Minyis dixerit Ascanius.
est tibi non infra speciem, non nomine dispar -5
Theiodamanteo proximus ardor Hylae:
hunc tu, siue leges umbrosae flumina siluae,
siue Aniena tuos tinxerit unda pedes,
siue Gigantea spatibere litoris ora,
siue ubicumque uago fluminis hospitio, -10
Nympharum semper cupidas defende rapinas
(non minor Ausoniis est amor Adryasin);
ne tibi si[n]t duros montes et frigida saxa,
Galle, neque expertos semper adire lacus.
quae miser ignotis error perpessus in oris -15
Herculis indomito fleuerat Ascanio.
namque ferunt olim¹¹⁴ Pagasae naualibus Argon
egressam longe Phasidos isse uiam,
et iam praeteritis labentem Athamantidos undis
Mysorum scopulis applicuisse ratem. -20
hic manus heroum, placidis ut constitit oris,
mollia composita litora fronde tegit.
at comes inuicti iuuenis processerat ultra
raram sepositi quaerere fontis aquam¹¹⁵.
hunc duo sectati fratres, Aquilonia proles, -25
hunc super et Zetes, hunc super et Calais,
oscula suspensis instabant carpere plantis,
oscula et alterna ferre supina fuga.
ille sub extrema pendentes secluditur ala
et uolucres ramo summouet insidias. -30
iam Pandioniae cessit genus Orithyiae:
a dolor! ibat Hylas, ibat Hamadryasin.

20¹¹³
Galo, em nome de nosso afeto, advirto –
e que isto não fuja de seu cuidado –
muito o acaso ocorre ao amante incauto:
diria Ascânio que ele foi aos Mímias.
Não é menor em beleza, nem díspar em fama,
par é sua paixão à de Hilas, filho de Teodamante.
Se você escolher rios de selva umbrosa,
ou se a onda do Ânio venha a molhar seus pés,
ou se passear pelas praias da costa dos Gigantes
ou onde estiver, tenha o abrigo de um rio vazio,
defenda-se de sempre ansiosos raptos de ninfas,
(Não é menor o amor das Adríades ausônias)
nem sejam duros os montes nem frios os seixos,
Galo, não se aproxime de lagos desconhecidos.
Isto sofrendo, o infeliz vagar de Hércules em terras
estranhas chorou ao cruel Ascânio.
Pois, contam que, outrora, quando Argo já tinha saído
do porto de Págasa¹¹⁷, tomou rumo ao Fásis,
depois de ultrapassadas as ondas de Atamântide,
deslizando os remos, aportou nas costas dos Mísios.
Ali um grupo de heróis assim que pisou em calmas praias,
cobriu a suave areia com bem disposta folhagem¹¹⁸.
Mas o amigo do jovem invicto¹¹⁹ avançou demais,
escolhido que fora para procurar rara água da fonte.
Ele foi seguido pelos dois irmãos, filhos de Aquilão,
sobre ele, Zetes; sobre ele, Calais,
tentavam dele roubar beijos, com assas estendidas
e ele, mesmo em fuga, de costas a evitar beijos;
ele, inclinando-se sob a asa¹²⁰ extrema de um isola-se
e com ramo afasta insídias aladas.
A estirpe Oritia de Pandión cessou.
Ah dor! Hilas foi, foi para a Hamadíade¹²¹.

¹¹⁰ Fedeli (1980, 315) informa que *fax* é utilizado com o sentido de *ardor*; *amoris flamma*, usado por Horácio e pelos elegíacos: Hor., *Carm.* 3.9.13; Tib. 2.4.6; Prop. 2.7.8; 4.3.50; 4.4.70.

¹¹¹ Prop. 4.8.30.

¹¹² Prop. 1.3.20.

¹⁰⁹ Tib. 1.5.75-6; 1.8.47-8; Prop. 4.5.59-60.

¹¹³ Ver Curran (1964, 281-93); Bramble (1974, 81-93); Monteleone (1979, 28-53); McCarthy (1981, 196-206); Heerink (2007, 606-20); Viarre (2007, 104-13) e Allen (1974b, 211-2).

¹¹⁴ Catul. 64.212.

¹¹⁵ Ver Petrain (2000, 409-21). Call., *Ap.* 2.111.

hic erat Arganthi Pege sub uertice montis¹¹⁶
 grata domus Nymphis umida Thyniasin,
 quam supra nullae pendebant debita curae
 roscida desertis poma sub arboribus,
 et circum irriguo surgebant lilia prato
 candida purpureis mixta papaueribus.
 quae modo decerpens tenero pueriliter ungui
 proposito florem praetulit officio,
 et modo formosis incumbens nescius undis
 errorem blandis tardat imaginibus.
 tandem haurire parat demissis flumina palmis
 innixus dextro plena trahens umero.
 cuius ut accensae Dryades candore puellae
 miratae solitos destituere choros
 prolapsum leuiter facili traxere liquore:
 tum sonitum rapto corpore fecit Hylas.
 cui procul Alcides iterat responsa; sed illi
 nomen ab extremis montibus aura refert.
 his, o Galle, tuos monitus seruabis amores,
 formosum Nymphis credere visus Hylan.

-35 Lá estava sob o topo do monte Argante¹²², Pege,
 úmida morada, grata à ninfa da Tínia,
 acima da qual pendiam pomos rubicundos,
 sob árvores selvagens, sem culto algum,
 em torno, em irrigado Prado, lírios surgiam,
 cândidos, mesclados a purpúreas papoulas.
 Hilas, colhendo infantilmente com suave unha,
 preferiu a flor ao dever determinado
 e descuidado, curvando-se sob límpidas ondas,
 tarda o erro com tênues imagens.
 Por fim, prepara-se para pegar a água do rio,
 curvou ombro destro, com as mãos cheias.¹²³
 Quando as jovens Dríades foram acesas por sua beleza,
 deixaram, admiradas, as danças habituais
 e levemente o puxaram, inclinado, para a água suave:
 então, Hilas se fez ouvir, quando foi arrebatado.
 A ele Alcides¹²⁴ à distância renova respostas, mas
 o vento traz de longe, lá da fonte, só seu nome¹²⁵.
 Com isto, Galo, advertido, irá preservar seus amores,
 você que parece confiar às ninfas o belo Hilas.

Tu, qui consortem properas euadere casum,
 miles ab Etruscis saucius aggeribus,
 quid nostro gemitu turgentia lumina torques?
 pars ego sum uestrae proxima militiae.
 sic te seruato [ut] possint gaudere parentes,
 ne soror acta tuis sentiat e lacrimis:
 Gallum per medios ereptum Caesaris ensis
 effugere ignotas non potuisse manus;

21¹²⁶
 Tu, que tens pressa de fugir de um fim comum,¹²⁷
 soldado chegas ferido dos montes etruscos,
 por que desvias do meu lamento os olhos inchados?
 Eu sou parte de tua próxima milícia!
 -5 Assim, conservando-te, teus pais se alegrem
 minha irmã não sinta, por tuas lágrimas, o ocorrido:
 Galo, escapaste pelo meio das espadas de César,
 não pôde escapar de desconhecidas mãos¹²⁸

¹¹⁷ AR 1.237-8.

¹¹⁸ Theoc. 13.32-5; 22.32-3. AR 1.1182-4.

¹¹⁹ Antonomásia de Hércules.

¹²⁰ Com o antebraço servindo de anteparo.

¹²¹ AR 1.1221-72 e Theoc. 13.

¹¹⁶ Fedeli (1980, 477) apresenta dos vv. 33-38 como uma éfrase de lugar, semelhante à de 4.4.3 e Theoc. 13.39-43.

¹²² *Árganthos* é uma única vez atestado em Orph., A. 638 em grego e uma única em latim, neste caso. Monte Arganto cuja localização, portanto, é incerta e não sabida.

¹²³ Theoc. 13.46-7. AR 1.1234-5.

¹²⁴ Patronímico, filho de Alceu: Hércules. Verg. *Ecl.* 7.61 e Call., *Hymn.* 3.145.

¹²⁵ Verg., *Ecl.* 6.43-4 e V. Fl. 3.596-7.

¹²⁶ Ver Skutsch (1973, 316-23); Videau (2011); Giangrande (1986); Keith (2011); Clarke, J. (2012, 364-80) e Boucher (1977, 53-71).

¹²⁷ Ver Prop. 1.7; 1.17.8. e 2.13B. AP 7.500 (Asclepiades) e 7.502 (Nicaneto), mas principalmente 7.589 (Agátias).

et quaecumque super dispersa inuenerit ossa
 montibus Etruscis, haec sciat esse mea. -10 | e, quaisquer ossos dispersos que encontrar
 nos montes etruscos, saiba: estes são meus.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, A. (1974a). “Propertiana” in *Classical Philology*, 69.2: 113-6. DOI: <https://doi.org/10.1086/366056>.
- ALLEN, A. (1974b). “Callimachus and Echo” in *Classical Philology*, 69.3: 211-2. DOI: <https://doi.org/10.1086/366089>.
- ARNOLD, P. J. (1997). “A Note on Propertius 1.10.3: Iucunda Voluptas” in *The Classical Quarterly*, 47.2: 597-8. DOI: <https://doi.org/10.1093/cq/47.2.597>.
- BAILEY, D. R. Sh. (1956). *Propertiana*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BARBER, E. A. (1953). *Properti Carmina*. Scriptorum Classicorum. Bibliotheca Oxoniensis. Oxford: Clarendon Press.
- BENEDIKTSON, D. (1989). *Propertius: Modernist Poet of Antiquity*. Carbondale and Edwardsville, Illinois: Southern Illinois University Press.
- BOUCHER, J.-P. (1977). “Properce et ses amis” in M. Bigaroni and F. Santucci (eds.) *Colloquium Propertianum*. Assisi: Accademia Properziana del Subasio: 53-71.
- BRAMBLE, J. (1974). “Cui Non Dictus Hylas Puer?. Propertius 1.20” in A. J. Woodman; D. A. West. (eds.) *Quality and Pleasure in Latin Poetry*. Cambridge: Cambridge University Press: 81-93.
- BREED, B. W. (2010). “Propertius on Not Writing about Civil Wars” in B. Breed; C. Damon; A. Rossi, eds.. *Citizens of Discord: Rome and Its Civil Wars*. Oxford: Oxford University Press: 234-245. DOI: [DOI:10.1093/acprof:oso/9780195389579.003.0015](https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195389579.003.0015).
- BUTLER, H. E. (1905). *Sexti Properti opera omnia*. With a commentary by Butler H. E., M.A., Fellow of New College, Oxford. London: Archibald Constable & Co., Ltd.
- CAIRNS, F. (2006). *Sextus Propertius: The Augustan Elegist*. Cambridge: Cambridge University.
- CAIRNS, F. (2007). “Some Problems in Propertius 1.6” in F. Cairns. *Papers on Roman Elegy (1969-2003)*. Bologna: Pàtron Editore: 94-103. [= *AJPh* 95 (1974): 150-63]
- CAIRNS, F. (2007). “Lesbia Mentoreo (Propertius 1,14,2)” in F. Cairns (2007). *Papers on Roman Elegy (1969-2003)*. Bologna: Eikasmos, Pàtron Editore: 134-6. [= *PLS* 3 (1981): 419-22].

¹²⁸ AP 7.550 (Leônidas de Alexandria) e Prop. 1.16.6.

- CAIRNS, F. (2007). “Propertius 1,4 and 1,5 and ‘Gallus’ of the Monobiblos” in F. Cairns (2007). *Papers on Roman Elegy (1969-2003)*. Bologna: Eikasmos, Pàtron Editore: 59-93. [= *PLLS* 4 (1984): 61-103].
- CAMPS, W. A. (1961). *Propertius, Elegies Book I*. Edited by W. A. Camps. Cambridge: University Press.
- CARDOSO, Z. de A. (2003). “Ironia e Humor nas Elegias de Propércio” in *Letras Clássicas*, 7: 127-50. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2358-3150.v0i7p127-150>.
- CITRONI, M. (1989). “Dedicatari e lettori della poesia elegiaca”. In: *Tredici Secoli di Elegia Latina. Atti del Convegno Internazionale*. Assisi: Accademia Properziana del Subasio: 93-143.
- CLARKE, J. (2012). “‘Engendering Landscape’: Propertius’ Use of Place in 1.21 and 22” in *Phoenix* 66.3/4: 364-80. DOI: 10.7834/phoenix.66.3-4.0364.
- CURRAN, L. C. (1964). “Greek Words and Myth in Propertius 1.20” in *Greek, Roman, and Byzantine Studies* 5: 281-293. Disponível em: <http://grbs.library.duke.edu/article/view/11831/4077>.
- DELBEY, É. (2008). “Public d’amis, franchise et persuasion chez Catulle et chez Properce” in Perrine Galand-Hallyn [et al.] (eds.) in *La Société des Amis à Rome et dans la Littérature Médiévale et Humaniste*: 177-188. DOI: <https://doi.org/10.1484/M.LATIN-EB.4.00035>.
- DU QUESNAY, M. Le M. (1992). “In Memoriam Galli: Propertius I xxi” in A. J. Woodman; J. Powell, (eds) *Author and Audience in Latin Literature*. Cambridge: Cambridge University Press: 52-83.
- ENK, P. J. (1946). *Propertius I - Sex. Propertii Elegiarum liber I. Pars prior prolegomena et textum continens. Pars altera commentarium continens*. Leiden: Brill.
- FEAR, T. (2005). “Propertian Closure: The Elegiac Inscription of the Liminal Male and Ideological Constestation in Augustan Rome” in Ancona, R.; Greene, E. (eds.) *Gendered Dynamics in Latin Love Poetry*.
- FEDELI, P. (1980). *Sesto Properzio. Il Primo Libro Delle Elegie*. Introduzione, Testo Critico e Comento a cura di Paolo Fedeli. Firenze: Leo S. Olschki Editore.
- FEDELI, P. (1981). “Elegy and Literary Polemic in Propertius’ Monobiblos” in F. Cairns (ed.) *Papers of the Liverpool Latin Seminar*. 3: 227-42.
- FEDELI, P. (1984). *Sexti Properti Elegiarum Libri IV*. (Bibliotheca scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana.). Stuttgart: B. G. Teubner.
- FEDELI, P. (2003). “Properzio e la Poesia Epica” in *Euphrosyne* 31: 293-304.
- FEDELI, P. (2005). “Properzio e la Poesia Prealessandrina” in *Properzio nel genere elegiaco. Modelli, motivi, riflessi storici. Atti del Convegno Internazionale*. Assisi: Accademia Properziana del Subasio: 3-31.
- FEDELI, P. (2006). “I Mutevoli Volti di Cinzia” in *Euphrosyne* 34: 89-101.

- FEDELI, P. (2008). "Killing Cynthia. Construzione e Deconstruzione" in *I Personaggi dell'Elegia di Propertio*. Atti del Convegno Internazionale della Accademia Propertiana del Subsio: Assisi: 3-38.
- FLOWER, H. I. (1999). *Ancestor Masks and Aristocratic Power in Roman Culture*. Oxford: Oxford University Press.
- FOWLER, D. (2000). "Catullus 68 and Propertius I 10: a Note" in Bécaries, V. B. et alii (coord.) *Intertextualidad en las literaturas griega y latina*. Madrid: Ediciones Clásicas: 233-240.
- FREUDENBURG, K. (1992). *The Walking Muse: Horace on the Theory of Satire*. Princeton: Princeton University Press. 1992.
- GARDNER, H. H. (2013). *Gendering Time in Augustan Love Elegy*. Oxford: Oxford University Press.
- GIANGRANDE, G. (1986). "La Componente Epigrammatica nella Struttura delle Elegie di Propertio" in *Bimillenario della morte di Propertio*. Atti del Convegno Internazionale della Accademia Propertiana del Subsio: Assisi.
- GIARDINA, G. (2010). *Propertio. Elegie*. Revised edition. (Testi e Commenti 25.). Pisa e Rome: Fabrizio Serra Editore. (first edition 2005).
- GOOLD, G. P. (1990). *Propertius Elegies*. (Loeb Classical Library No. 18). Cambridge, Mass: Harvard University Press.
- GOWERS, E. (2012). *Satires. Book 1 Horace*. Edited by E. Gowers. Cambridge: Cambridge University Press.
- GREENE, E. (1995). "Elegiac Woman: Fantasy, Materia and Male Desire in Propertius 1.3 and 1.11" in *The American Journal of Philology*, 116.2: 303-318. DOI:10.2307/295446.
- GREENE, E. (2005). "Gender Identity and Elegiac Hero in Propertius 2.1" in: Ancona, R.; Greene, E. (eds.) *Gendered Dynamics in Latin Love Poetry*.
- HEERINK, M. A. J. (2007). "Going a Step Further: Valerius Flaccus' Metapoetical Reading of Propertius' Hylas" in *The Classical Quarterly* 57.2: 606-620. DOI: 10.1017/S0009838807000584.
- HESLIN, P. (2011). "Metapoetic Pseudonyms in Horace, Propertius and Ovid" in *Journal of Roman Studies*, 101: 51-72. DOI: 10.1017/S0075435811000062.
- HEYWORTH, S. J. (2007). *Propertius Elegos*. (Oxford Classical Texts). Oxford: Oxford University Press.
- HOLLIS, A. (2006). "Propertius and Hellenistic Poetry" in Günther, H.-Ch. (ed.) *Brills Companion to Propertius*: 97-125, DOI: 10.1163/9789047404835_006
- HUBBARD, T. K. (1991). "Love's Other Hand: Propertius 1. 9. 23-24" in *Classical Philology*, 86.3: 219-22. DOI: 10.1086/367257.
- HUTCHINSON, G. O. (1984). "Propertius and the Unity of the Book" in *Journal of Roman Studies* 74: 99-106. DOI: 10.2307/299010.

- KEITH, A. (2011). "Latin Elegiac Collections and Hellenistic Epigram Books" in Keith, A. (ed.) *Latin Elegy and Hellenistic Epigram: A Tale of Two Genres at Rome*: 99-116.
- KING, J. K. (1980). "The Two Galluses of Propertius' Monobiblos" in *Philologus* 124: 212-30. DOI: 10.1524/phil.1980.124.12.212.
- KING, J. (1982). "Propertius 1. 14: The Epic Power and Value of Love" in *The Classical World*, 75.6: 329-39. DOI:10.2307/4349402.
- LYNE, R. O. A. M. (2007). "Propertius and Tibullus: early exchanges".
- MARTINS, P. (2009). *Elegia Romana. Construção e Efeito*. São Paulo: Humanitas. DOI: 10.13140/2.1.3644.9605
- MARTINS, P. (2009b). *Literatura Latina*. Curitiba: IESDE.
- MARTINS, P. (2011). *Imagem e Poder. Considerações sobre a Representação de Otávio Augusto*. São Paulo Edusp.
- MARTINS, P. (2013). *Pictura Loquens, Poesis Tacens: limites da representação*. Tese de Livre Docência, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado em 2017-11-19, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/8/tde-19112015-181808/>
- MARTINS, P. (2014) Os romanos, o direito, a imagem e a morte. In: Fábio Faversoni; Fábio Duarte Joly. (Org.). *As formas do Império Romano*. 1ed. Ouro Preto: Editora da UFOP: 81-94. recuperado em 2017-11-19, de https://www.academia.edu/7756292/Os_romanos_o_direito_a_imagem_e_a_morte.
- MARTINS, P. (2015a). "Rumor, Lei e Elegia: Considerações sobre Propércio 2.7". In: *Revista Archai. As origens do pensamento ocidental*, Brasília, v. 15, p. 43-58. DOI:10.14195/1984-249x_15_5.
- MARTINS, P. (2015b). "O Jogo Elegíaco: Fronteiras entre a Cultura Intelectual e a Ficção Poética". In: *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, v. 11, p. 137-172. DOI: 10.17851/1983-3636.11.1.137-172.
- MARTINS, P. (2016a). "Propércio Redivivo". In: *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição (NELE)*, São Paulo, v. 6, p. 426-41.
- MARTINS, P. (2016b). "Sobre a Metapoesia em Propércio e na Poesia Erótica Romana: o Poeta Rufião". In: *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, Belo Horizonte, v. 28, p. 125-159. DOI: 10.24277/classica.v28i1.347
- MARTINS, P. (2016c). "Espelhamento Metapoético: Propércio 1.2 e 2.1". In: *Revista Organon*, Porto Alegre, v. 31, p. 205-227.
- MARTINS, P. (2017a). "Ekphrasis, Digression and Elegy: The Propertius' Second Book". In: *Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, 30(1), 175-192. DOI: 10.24277/classica.v30i1.437

- MARTINS, P. (2017b). "Tum Longas Condimus Iliadas: A Helena de Propércio" . In: *Archai: Revista de estudos sobre as origens do pensamento ocidental*, 21: 159-206. DOI: 10.14195/1984-249X_21_5
- MCCARTHY, W. J. (1981). "Propertius 1, 20: "Υλας εις ηχώ" in *Hermes* 109: 196-206. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/4476204>.
- MERRIAM, C. U., (2001). "Clinical cures for love in Propertius' Elegies" in *Scholia* 10: 69-76. <http://hdl.handle.net/10520/EJC100178>.
- MONTELEONE, C. (1979). "Cornelio Gallo tra Ila e le Driadi (Virgilio, Properzio e una controversia letteraria)" in *Latomus* 38: 28-53. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/41531128>.
- NICHOLSON, N. (1998-9). "Bodies without Names, Names without Bodies: Propertius 1.21-22" in *The Classical Journal*, 94.2: 143-61. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/3298207>.
- PAGANELLI, D. (1929). *Properce, Élégies*. Texte établi et traduit par D. Paganelli. Paris: Les Belles Lettres: collection G. Budé.
- PASCO-PRANGER, M. (2009). "Sustaining Desire: Catullus 50, Gallus and Propertius 1.10" in *The Classical Quarterly* 59.1 142-146. DOI: 10.1017/S0009838809000111.
- PETRAIN, D. (2000). "Hylas and Silva: Etymological Wordplay in Propertius 1.20" in *Harvard Studies in Classical Philology*, 100: 409-21. DOI:10.2307/3185227.
- PINCUS, M. (2004). "Propertius's Gallus and the Erotics of Influence" in *Arethusa* 37: 172-9. *Project MUSE*. DOI:10.1353/are.2004.0013.
- PUTNAM, M. (1976). "Propertius 1. 22: A Poet's Self-Definition" in *Quaderni Urbinati Di Cultura Classica*, 23: 93-123. DOI:10.2307/20537793.
- QUILES, Lopez-Canete D. (2007). "Variaciones sobre el Fuego en Propercio" in *Habis* 38: 157-70. <http://hdl.handle.net/11441/12006>.
- QUINN, K. (1963). *Latin Explorations Critical Studies in Roman Literature*. London: Routledge and Kegan Paul.
- RICHARDSON Jr., L., ed. (1976) *Propertius. Elegies I-IV*. Edited by L. Richardson, Jr. Norman, Ok:
- SERIGNOLLI, L. V. G. (2013). *Imagines Amoris: as figuras de Amor em Roma do final da República ao Período Augustano*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. DOI:10.11606/D.8.2013.tde-16092013-105736.
- SHARROCK, A. (2000). "Constructing Characters in Propertius" in *Arethusa* 33.2: 263-84. DOI:10.1353/are.2000.0013
- SKUTSCH, O. (1973). "Readings in Propertius" In: *The Classical Quarterly*, 23(2), 316-323. DOI:10.1017/S0009838800036831: 319-21.
- SOLMSEN, F. (1965). "On Propertius, I, 7". In: *The American Journal of Philology*, 86(1), 77-84. DOI:10.2307/292622

- SOMERVILLE, T. (2009). "The Pleonasm of The New Gallus, and the Gallus of the Monobiblos" in *Mnemosyne*, 62.2: 295-7. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/27736328>.
- SUITS, T. A. (1976). "The Iambic Character of Propertius 1.4" in *Philologus* 120: 86–91. DOI: 10.1524/phil.1976.120.1.86.
- VEYNE, P. (1983). *L'Élégie érotique romaine. L'amour, la poésie et l'Occident*. Paris: Éditions du Seuil.
- VIARRE, S. (2005). *Properce. Élégies*. Texte établi et traduit par : Simone Viarre. Paris: Les Belles Lettres: collection G. Budé.
- VIARRE, S. (2007). "Properce I, 20: Amours Élégiques et Mythologie" in *Revue des Etudes Latines* 85: 104-13.
- VIDEAU, A. (2011) "Élégie d'amour, élégie d'exil : le sujet romain au temps des Guerres civiles", in *Colloque international Au-delà de l'élégie d'amour : Thèmes, formes et genres parallèles de l'élégie latine*, Université de Neuchâtel, 7-8 mai 2010, Garnier coll. Colloques: 49-68.
- WILAMOWITZ-MOELLENDORFF, U. (1913) *Sappho und Simonides*. Berlin: Weidmann: 296ss] <https://archive.org/details/sapphoundsimonid00wilauoft>.
- WILSON, M. (2009). "The Politics of Elegy: Propertius and Tibullus" in W.J. Dominiket alii (ed.). *Writing Politics in Imperial Rome*: 173-202. DOI: 10.1163/9789004217133_009
- WYKE, M. (1987). "Written Women: Propertius' Scripta Puella" *The Journal of Roman Studies*, 77: 47-61. DOI:10.2307/300574
- WYKE, M. (2002). *The Roman Mistress: Ancient and Modern Representations*. Oxford: Oxford University Press.